

Análise da Percepção de Estudantes e Funcionários Quanto a Inclusão e o Desenvolvimento Cognitivo de Alunos da Terceira Idade no Ambiente Universitário

Analysis of the Perception of Students and Staff regarding Inclusion and Cognitive Development of Third Ages Students in University Environment

Raphaela Fernanda de Oliveira^a Jonathan Willian Zangeski Novais^{b*}; Noemi Cardoso de Oliveira Silva^a; Rodnei Ramos de Carvalho^a; Maria Madalena de Oliveira^a; Antonio José de Oliveira Junior^a; Thiago D'Orazio Joaquim^b

^aUniversidade de Cuiabá. Cuiabá, MT.

^bUniversidade de Cuiabá, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Ambientais. Cuiabá, MT.

*E-mail: jonathanzangeski@gmail.com

Resumo

É comum encontrar pessoas da terceira idade no ambiente universitário e retornando ao mercado de trabalho. Visando entender como é a percepção dos outros alunos em relação aos idosos, foram entrevistadas 30 pessoas entre homens e mulheres na faixa etária de 18 a 60 anos na Universidade de Cuiabá - Unic, Campus Barão, a fim de identificar os fatores de manifestações de aprendizagem do aluno universitário na terceira idade. Foram aplicados questionários referentes aos fatores: emocional/social, cognitivo e motor, com escalas de intensidade de zero a dez, sendo avaliadas as respostas de zero a três como não, três a sete como talvez e sete a dez como sim. A análise das opiniões foi concebida a partir da percepção, experiência e vivência em sala de aula entre os entrevistados com os alunos da terceira idade. Houve afinidades entre os entrevistados nas respostas do fator social e cognitivo e divergência quanto à inserção do idoso no mercado de trabalho depois de formado e na habilidade com o uso da informática, no fator motor houve concordância a respeito da disposição do idoso em executar atividades, que exijam condicionamento físico em mobilidade dentro do centro acadêmico e avaliação dos sentidos da audição e visão. O trabalho atingiu seu objetivo identificando os fatores referentes às manifestações de aprendizagem do aluno universitário na terceira idade, utilizando como parâmetro a percepção dos entrevistados a respeito do idoso.

Palavras-chave: Idoso. Pós-Adulto. Inclusão Social.

Abstract

It's common to find third age people in the university environment and returning to market job. In order to understand how the perception of others student is. 30 people were interviewed between men and women aged 18 to 60 years at the Cuiabá University – Barão campus, in order to identify the learning demonstration factors regarding the third age College students. Questionnaires were applied regarding the following factors: emotional/social, cognitive and motor with intensity scales 0-10, being the the answers evaluated from 0 to 3 as no, 3 to 7 as perhaps and 7 to 10 as yes. The opinions analysis s was designed from the perception, experience and experience in the classroom among the interviewees with the third age students. There were affinities among the interviewees at the answers concerning the social and cognitive factors and divergence regarding the elderly participation in the labor force after graduation as well as the skill when it comes to using computers; As formotor factor there was agreement regarding the elderly willingness to perform activities requiring physical conditioning in mobility within the academic center and assessment of the hearing and vision senses. The work achieved its goal identifying the factors concerning the third age college student's learning demonstrations using as a parameter the interviewees' perception regarding the elderly.

Keyword: *The elderly. Post-Adult. Social Inclusion.*

1 Introdução

A terceira idade inicia-se a partir de idade igual ou superior aos sessenta anos, conforme estatuto dos idosos da Lei nº 10.741 (BRASIL, 2003).

O envelhecimento da população ocorre de forma natural, desde os primórdios da humanidade. A história evidencia que as ideias sobre o envelhecer são tão antigas quanto o início da origem dos indivíduos, mas o fato de o ser humano envelhecer gera inúmeras incertezas, preocupações e despreparo das pessoas em relação ao estigma de incapacidades, instabilidade e ausência de mudanças para o idoso.

Segundo Berzins (2003, p.21):

O envelhecimento populacional é um fenômeno geral e afeta a todos, homens, mulheres e crianças. A solidariedade e a internacionalidade devem ser a base das ações da sociedade e dos estados. O envelhecimento é importante e tem consequência em todos os setores da vida humana, tais como econômico, saúde, previdência, lazer, cultura.

De acordo com dados da pesquisa nacional por amostra de domicílios – Pnad, (IBGE, 2013) o número de idosos brasileiros representa 13% da população total, que corresponde a 26,1 milhões de pessoas envelhecidas. Segundo projeções (IBGE, 2008), em 2008, enquanto as crianças de 0 a 14 anos de idade correspondiam a 26,47% da população total, o contingente com 65 anos ou mais de idade representava 6,53%. Em 2050, o primeiro grupo representará 13,15%, ao passo que a população idosa ultrapassará os 22,71% da população total.

Esse aumento na população de idosos se deve a queda da mortalidade, da longevidade, de recursos médicos, bem como farmacológicos e a conquista de direitos.

A interação do indivíduo com a sociedade influencia na formação do comportamento e na relação com as outras pessoas, como explica a teoria sociointeracionista, que liga aprendizado e desenvolvimento a processos cognitivistas, esta teoria foi desenvolvida pelo advogado e psicólogo russo Lev Semenovitch Vygotsky, que nasceu

em 1896, em Orsha, Bielo-Rússia e faleceu em 1934.

Porém, conforme foi dito anteriormente, este processo cognitivista apontado por Vygotsky, ao qual Moreira (2001, p.134) descreve como:

processo através do qual o mundo de significação tem origem. À medida que o ser se situa no mundo, estabelece relações de significação, isto é, atribui significados á realidade em que se encontra. Esses significados não são entidades estáticas, mas pontos de partida para a atribuição de outros significados. Tem origem, então, a estrutura cognitiva (os primeiros significados), constituindo-se nos pontos básicos de ancoragem dos quais derivam outros significados.

Esta concepção sobre o desenvolvimento cognitivo possibilita identificar como ocorre a aquisição de conhecimento do aluno idoso ao cursar a universidade.

Neste processo, o aluno não estará isento das dificuldades e dos questionamentos aos novos conhecimentos abordados assim como o aluno mais jovem, sendo que a grande diferença é a maturidade de opiniões.

Segundo Rubinstein (1972), a idade não determina um limite de desenvolvimento psíquico. As características próprias da idade existem apenas dentro das características individuais e em unidade com ela.

A presente pesquisa visa identificar os fatores referentes às manifestações de aprendizagem do aluno universitário na terceira idade, por meio da abordagem da fala que é uma exteriorização do pensamento, do estímulo, e da experiência de vida, cujos processos internos são associados ao meio.

2 Material e Métodos

Fez-se pesquisa qualitativa do tipo semiestruturada que, segundo Sellitz (1987), funciona combinando perguntas abertas e fechadas. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, utilizando um contexto semelhante ao de uma conversa informal, ficando atento para dirigir a discussão para o assunto que o interessa, fazendo perguntas adicionais para elucidar questões, que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto de entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema.

O instrumento de entrevista foi realizado no dia 27 de setembro de 2015 na Universidade de Cuiabá, com os funcionários dos laboratórios de física, química e áudio visual e com alunos do curso de Engenharia Civil, em sala de aula, com uma professora, sendo o instrumento de pesquisa questionário composto por cinco perguntas de fatores emocionais/sociais, quatro perguntas para fatores cognitivos e duas perguntas de fatores motores aos quais os entrevistados deveriam assinalar, conforme as opiniões, utilizando escala de notas de zero a dez para cada fator.

De zero a três o entrevistado optaria pelo nível de não concordância com a pergunta ou a afirmação sobre os fatores citados anteriormente.

De três a sete o entrevistado optaria pelo nível do talvez, com nota intermediária devido as dúvidas e as divergências de

opiniões em relação às perguntas elaboradas e às afirmações.

De sete a dez o entrevistado optaria pelo nível de concordância com a pergunta.

No final da pesquisa foram obtidas as médias e desvios padrão das respostas.

2.1 Coleta de dados

Os dados foram coletados diretamente, em sala de aula e laboratórios, por meio de perguntas realizadas no questionário que foram divididas em:

2.1.1 Fator emocional/social

1)Na escala de zero a 10 como você avalia a interação social do idoso com os seus colegas alunos mais jovens.

A elaboração desta pergunta permite ao entrevistado estabelecer reflexões e análises sobre a importância do relacionamento e experiências diversificadas do idoso com o grupo, a fim de opinar se o mesmo consegue conviver com pessoas diferentes.

2)Na escala de zero a 10 como você avalia a interação social do idoso com os professores.

Esta pergunta avalia o relacionamento entre aluno e professor por intermédio da relação em sala de aula, cujo mediador de conhecimentos deve auxiliar e facilitar o processo de aprendizagem do aluno em relação ao conteúdo administrado.

3)Na escala de zero a 10 como o idoso consegue lidar com os sentimentos seus e de outras pessoas? Ex.: (raiva, alegria e tristeza).

Verifica o pensamento dos entrevistados a respeito do pós-adulto se consegue ou não controlar seus sentimentos e atitudes em relação aos outros colegas.

4)Na escala de zero a 10 o que você acha da inserção dos idosos como alunos no seu curso superior nas faculdades?

Elaborada para que os entrevistados opinem baseados em sentimentos de percepção a respeito do idoso e se o mesmo possui capacidade de adquirir e assimilar novos conhecimentos.

5)Na escala de zero a 10, em sua opinião, o idoso terá uma oportunidade depois de formado no mercado de trabalho?

Propõe aos entrevistados analisarem a condição do idoso depois de formado e os fatores que contribuem ou interferem neste processo.

2.1.2 Fator cognitivo

6)Na escala de zero a 10, como o idoso se sai na utilização da informática? Ex (Internet, planilhas e CAD).

Possui como proposta a avaliação das habilidades do idoso no uso da informática pelos colegas e técnicos.

7)Na escala de zero a 10, o idoso vai melhor ou pior que o restante dos alunos na avaliação?

Avalia se existe diferença na assimilação da aprendizagem entre jovens, adultos e idosos nas avaliações das provas parciais e oficiais ministradas em sala de aula.

8) Na escala de zero a 10, como é a memória do seu colega idoso?

Questiona os entrevistados a propósito da memória do idoso se é capaz de armazenar lembranças (acontecimentos passados e presentes), e recuperar informações disponíveis na sua trajetória de aprendizado e desenvolvimento.

9) Na escala de zero a 10, o idoso consegue relacionar teoria com a prática?

A pergunta questiona os entrevistados sobre a capacidade do idoso em assimilar conteúdos de aulas teórico-práticas.

2.1.3 Fator Motor

10) Na escala de zero a dez, como você avalia a disposição do idoso na sala de aula? (Ex.: aula teórica e prática)

Propõe a avaliação física (sente muito cansaço, indisposição e dores durante as aulas) do idoso.

11) Na escala de zero a dez, como você avalia a relação dos sentidos, (Ex.: audição, visão) na aprendizagem do idoso?

Verifica a capacidade de interferência na audição e visão, em sala de aula, nos estudos concomitantemente na comunicação com os professores e colegas.

3 Resultados e Discussão

O Quadro 1 se refere às opiniões dos entrevistados para as questões de fatores emocionais/sociais

Quadro 1: Média e desvio padrão das respostas dos questionários referentes aos fatores emocionais/sociais. De 0 a 3 resposta não, de 3 a 7 resposta talvez, de 7 a 10 resposta sim

Questões	1	2	3	4	5
Média e D.P	7,8±1,31	7,9±1,65	7,3±2,02	8,3±1,65	6,3±2,22
Resposta	Sim	Sim	Sim	Sim	Talvez

Fonte: Dados da pesquisa.

Na questão 1, a resposta foi sim com média de 1,31 indicando que na visão dos entrevistados os idosos não possuem problemas em interagir em grupos de estudos, apresentação de seminários, convivência em sala de aula e extraclasse para elaboração de trabalhos a serem apresentados, conseguindo expressar opiniões sobre diferentes assuntos por meio da fala, gestos e considerações.

Esclarecem Cachioni e Aguilar (2008) e Debert (1998) que este relacionamento e convívio entre gerações no âmbito social e educacional é fundamental para promover discussões e questionamentos sobre padrões preestabelecidos socialmente, compreender o comportamento das pessoas, como estas pensam e o porquê agem desta ou daquela forma, e assim

refletir sobre atitudes, comportamentos e, principalmente, tentar rever em conjunto as crenças e os valores referentes ao envelhecimento.

No começo desta relação com os alunos mais jovens, os colegas questionaram aos idosos a respeito do fato de cursarem uma faculdade de engenharia civil devido a idade ser considerada avançada, como resposta os idosos disseram que este fato se deve a um sonho antigo de cursar uma faculdade, posteriormente de ter cargo de maior relevância social e econômica, além de reciclar e adquirir novos conhecimentos.

Para França e Soares (1997), este retorno fica evidenciado quando se desenvolve com a participação do idoso em atividades intergeracionais, não se restringindo a oportunidade de serem doadores e receptores de serviços, mas reside também no resgate da autoestima, atualização, valorização e reconhecimento de si mesmo como integrado, integrador e participativo da sociedade.

O interessante nesta pergunta foi a observação a respeito do equilíbrio das respostas dadas pelos entrevistados, em que a maioria considerou importante esta relação, e a minoria (que não concordou) expressou a dificuldade no diálogo, ocasionado pela opinião da disparidade entre as idades.

Na questão 2, a resposta foi sim com média de 7,9, como afirmação e explicação para a resposta, os entrevistados consideraram que existem auxílio e confiança dispersada por parte dos professores aos alunos durante a permanência destes na faculdade.

Na visão de Bishop-Clark e Lynch (1995) sobre a percepção do professor, em sala de aula, perceberam como é extremamente importante o potencial intelectual apresentado pelos alunos mais velhos, considerando que esses colaboram ativamente durante as aulas e trocam experiências com os alunos mais jovens e não apresentam dificuldades em relação à metodologia e à didática utilizada nos cursos.

Os entrevistados confirmaram que os idosos possuem dificuldades de aprendizagem em conteúdo que envolvem cálculos, mas que com o auxílio das explicações do docente, a elaboração de exercícios que desenvolvam o raciocínio e a memória tal situação se resolve. O incentivo da família, colegas e autoestima desencadeiam resultados positivos.

Conforme Sarreta (2007) e Parra (2008) esclarecem e advertem sobre a relação entre professor e o aluno pós-adulto que 'entre os dois atores do processo de ensino-aprendizagem, estabelece-se um campo de relações, que propicia as condições para o aprender, denominado transferência. A figura do professor passa a fazer parte do cenário inconsciente do aluno, recebendo uma significação própria e, a partir de então, esse só será escutado e entendido através desse lugar em que é colocado'.

Nesta pergunta, a resposta dada pela maioria dos entrevistados foi sim, havendo um desvio padrão de 1,65, pois acreditam que o idoso não consegue assimilar teoria com prática.

Na questão 3, que diz respeito à administração dos

sentimentos de raiva, de alegria e de tristeza para com os colegas, a média foi 7,3 e resposta sim ao bom humor dos idosos na opinião da maioria dos entrevistados, porém alguns discordaram das respostas, conforme pesquisa, por considerarem que as culturas entre ambos são diferentes.

Segundo Adams (1998), Ballone (2002), Erbolato (2006), embora na velhice já tenham sido aprendidas muitas habilidades necessárias ao bem viver, o contanto social continua relevante, pois também nessa fase os outros representam uma potencial fonte de segurança, de amor, de sentimentos de pertencimento, além de parâmetros para o indivíduo avaliar a adequação de comportamentos, de sentimentos e de aprendizagens. Os outros confirmam a ideia que se faz de si mesmo quanto à capacidade, aos valores, às opiniões e às competências, os elementos como o amor, a surpresa, a curiosidade, a paixão, o perdão, a alegria, o entusiasmo, dar e partilhar atua no sistema imunológico ajudando na saúde e no combate as doenças o que ocorre de maneira contrária quando se utiliza a raiva, o ressentimento, a ambivalência, a culpa e o tédio, a solidão e os medos.

Conforme esclarecem os dados apresentados pela pesquisa, a maior média de 8,3 esteve presente na questão 4 com resposta sim, prevalecendo maior afinidade com o tema e, conseqüentemente, com as perguntas por parte dos entrevistados referente à inserção dos idosos no mundo acadêmico, demonstrando com isso aceitabilidade aos colegas mais idosos em sala de aula, avaliando como ponto positivo as experiências apreendidas em lidar com pessoas mais velhas.

Conforme foi dito anteriormente, para Kachar (2001a), a inserção dos idosos no ambiente acadêmico, a instituição universitária passa a se configurar como um espaço inter geracional de troca de saberes. Os idosos buscam respostas diferentes para o envelhecimento. O aluno da graduação, no lugar também de aprendiz, tem a oportunidade do convívio com os idosos, como também de passar por situações, que farão parte da futura prática profissional. Os funcionários deparam com situações inéditas apresentadas por uma nova população de educandos. É nesse encontro de diversas faixas etárias e de diferentes interesses educacionais e profissionais, que ocorre um profundo processo de coeducação.

Para a Questão 5, que questiona sobre a oportunidade de emprego depois de formado se isso será possível, a resposta foi talvez, com média de 6,3, a segunda menor nota, prevalecendo a opinião de que talvez o mercado de trabalho não aceite pessoas com idade muito avançada.

Segundo Do Carmo *et al.* (2009), essa dificuldade se agrava, uma vez que os jovens idolatram o moderno, acabando por ridicularizar o que é antigo e velho, acabando por não ofertar oportunidades para os idosos.

Quando as oportunidades se fecham para esse público mais velho, para apaziguar a situação, alguns idosos continuam trabalhando, de forma informal e penosa, devido ao seu poder

aquisitivo ser baixo.

Vários fatores são apontados pela literatura justificando a permanência ou a reinserção dos idosos aposentados no mercado de trabalho. Conforme afirmam Moreira, (2000), Bulla e Kaefer (2003), Stelmachuk (2005), esses fatores são relacionados às experiências subjetivas de prazer pelo trabalho, ocupando o tempo livre e exercendo uma atividade física e mental do aposentado, ou em decorrência de necessidades financeiras, tanto pela perda do poder aquisitivo devido aos baixos valores dos benefícios concedidos quanto pela necessidade crescente de prover a família.

As minorias dos entrevistados discordaram, pois consideraram que um bom currículo e experiências anteriores auxiliam no processo de recrutamento e independe da idade.

Conforme Neri (2001), Wajzman (2004), é inevitável o aumento de pessoas com mais de sessenta anos na População Economicamente Ativa - PEA brasileira. A expectativa é de que em 2020, pelo menos, 13% da PEA seja formada por pessoas que estarão na terceira idade.

Quando a população brasileira chegar a esta estimativa, então, serão discutidas medidas que visem a reflexão sobre o que as pessoas querem ou precisam sobre a maturidade pela sociedade como referentes a devida carga horária, atividades desenvolvidas e condições de saúde como observam Vanzella, Neto e Silva (2011), que para os homens na faixa etária entre 65 e 69 anos, a jornada semanal de trabalho é de 40 horas e após os 80 anos, os idosos que trabalham fazem, em média, 32 horas por semana

Segundo estudo realizado pela Revista Isto é Edição 2238 de 3 de outubro de 2012¹, a população acima dos sessenta anos é a nova força econômica do País. Os idosos brasileiros estão mais ricos, mais saudáveis e mais poderosos. De acordo com o relatório, o Brasil vive o que os especialistas chamam de “bônus demográfico”, período em que a força de trabalho (pessoas na ativa) será muito maior do que o número de brasileiros que não produzem. Isso se dará como resultado, principalmente, do envelhecimento da população. Os números do Banco Mundial são impressionantes. Até 2050, as pessoas com mais de sessenta anos vão responder por 49% da população economicamente ativa do País. Atualmente, esse percentual é de 11%. Outra estatística revela que, até 2020, os mais velhos serão responsáveis pelo aumento anual de 2,4 pontos percentuais do PIB per capita do País. Mais do que um número qualquer, significa que os idosos serão uma das mais importantes forças geradoras da riqueza nacional, sem eles, não resta dúvida, o País não terá como se igualar aos patamares de renda das nações desenvolvidas.

O avanço do poder econômico dos mais velhos é comprovado por inúmeras estatísticas. Atualmente, eles respondem por quase 20% do poder de compra do País. Há duas décadas, esse percentual era de 5%. Estima-se que 70% dos idosos brasileiros tenham independência financeira, o

¹Disponível em: http://www.istoe.com.br/reportagens/241607_ENVELHECER+FAZ+BEM+AO+%3E.Fontes

que representa o dobro de vinte anos atrás. O Brasil tem que aproveitar o momento favorável de sua estrutura etária.

3.2 Fatores cognitivos

O Quadro 2 refere-se as opiniões dos entrevistados para as questões de fatores cognitivos:

Quadro 2: Média e desvio padrão das respostas dos questionários referentes aos fatores cognitivos. De 0 a 3 resposta não, de 3 a 7 resposta talvez, de 7 a 10 resposta sim

Questões	6	7	8	9
Média e D.P.	5,4± 2,02	6,9±1,55	7,1±1,32	7,6±1,57
Resposta	Talvez	Talvez	Sim	Sim

Fonte: Dados da pesquisa.

A nota média menor para a entrevista foi para a questão 6 com resposta talvez e média de 5,4, em que os entrevistados observaram dificuldades em utilizar a informática no uso de programas específicos do curso como o AutoCad (desenho técnico), Visual G (programação de materiais a serem utilizados na obra), TCPO (Planilhas para Orçamento de Materiais a serem gastos na obra), no envio e encaminhamento de e-mail.

Conforme opinião de alguns Técnicos de Informática entrevistados, com perguntas específicas a sua área, estes possuem opinião de que idoso pode conseguir superar estas dificuldades, mas para que isso aconteça a instituição de ensino deve estabelecer diretrizes que auxiliem na destreza e conhecimento do aluno idoso na informática básica.

Estes problemas poderiam ser solucionados e amenizados, conforme Garcia (2001) esclarece, administrando aulas para turmas básicas de informática por meio do Curso de Informática Básica para a Terceira Idade, proporcionando uma possibilidade de reintegração social e tecnológica a esta faixa etária. A experiência tem mostrado que este público é detentor de grande capacidade de aprendizado. Entretanto, o êxito dos resultados está relacionado com o direcionamento do curso, ou seja, tanto o material, como a metodologia e as atividades devem ser desenvolvidos especificamente para eles, atendendo às suas necessidades físicas, mentais e emocionais.

Quando um aluno inicia um novo processo de aprendizado é necessário criar instrumentos de apoio para auxiliar a caminhada até o momento final que é a colação de grau, muitos alunos da terceira idade sentem dificuldade durante este processo e acabam desistindo ou optando por outros cursos, que consideram mais fáceis, esta decisão é tomada por estarem desestimulados e apreensivos, o que impede o processo de cognição que, segundo Rabelo (2009), envolve o funcionamento mental, como as habilidades de pensar, de perceber, de lembrar, de sentir, de raciocinar e de responder aos estímulos externos. Assim, a inclusão da terceira idade na informática é vista não só como uma atividade que auxilia nos estímulos mentais, motores e de socialização, mas

principalmente como uma possibilidade de convivência com o mundo contemporâneo e tudo o que ele oferece, favorecendo as relações familiares, sociais, comerciais e tantas outras.

Autores como Nunes (2002) e Bizelli *et al.* (2009) consideram que, nos últimos anos, o perfil do idoso tem se modificado a esse respeito devido aos vários programas desenvolvidos no Brasil, e em outros países, com foco na melhoria da qualidade de vida da terceira idade, estão fazendo com que o idoso, gradativamente, deixe de ser uma pessoa que vive de lembranças do passado, recolhida em casa, para ser uma pessoa ativa, apta a produzir e consumir e que participa das mudanças sociais e políticas da sociedade. Paralelamente ao rápido processo de envelhecimento da população brasileira (e mundial), pode-se observar que a sociedade está ficando cada vez mais dependente de recursos eletrônicos e tecnológicos. A tecnologia vem invadindo as casas, as empresas e a sociedade como um todo: o computador é o principal representante. A internet apresenta-se como um poderoso meio de comunicação, nunca observado em outras tecnologias. Isso tudo deixa os idosos perplexos e encantados, enquanto outros se isolam, pois muitas vezes não conseguem se comunicar com os membros mais jovens da família, os quais estão totalmente inseridos nesta chamada era digital.

Para a questão 7, a resposta foi talvez, sendo a média para a questão de 6,9, desvio padrão 1,55. Os entrevistados fizeram um parâmetro entre o aprendizado dos colegas mais idosos com os outros alunos, como resultado os entrevistados opinaram pela dificuldade de memorizar e aprender o conteúdo, muitas vezes, necessitando utilizar informações repetidas no processo de aquisição desses conhecimentos o que difere dos alunos mais jovens.

A aprendizagem deve ser coerente com o nível de desenvolvimento, portanto, existe uma relação entre nível de desenvolvimento e a capacidade potencial de aprendizagem o que ele chamava de zona de desenvolvimento proximal, sendo este método utilizado para medir não só o processo de desenvolvimento até o presente momento e os processos de maturação que já se produziam, mas também os processos que estão ainda ocorrendo, que só agora estão amadurecendo e desenvolvendo-se. A área de desenvolvimento potencial permite, pois, determinar os futuros passos e a dinâmica do desenvolvimento, que examina não só o que o desenvolvimento já produziu, mas também o que produzirá no processo de maturação do indivíduo.

Para a questão 8, a resposta foi sim sobre a memória do idoso, a média para a questão foi de 7,1 devido ao fato de considerarem o idoso capaz de aprender novos conteúdos e os respondentes correlacionarem com os processos habituais cotidianos das informações, em que serão utilizadas e a memória quando estimulada armazena as informações utilizando como

processo o desenvolvimento da aprendizagem.

De acordo com Campos (1987, p.57) e Kreis *et al.* (2007), a memória se constitui em um dos fatores que colabora para o exercício das funções do raciocínio e da generalização. Ela possibilita a memorização de conceitos necessários para as atividades mentais. A memória, portanto, faz com que aquilo que está sendo aprendido seja assinalado gerando um processo cognitivo, retido e depois lembrado pelo indivíduo, isto é, evocado ou reconhecido, quando aparece no campo da consciência do indivíduo podendo sofrer alterações com o avançar da idade.

Atkinson e Shiffrin (1968) e Paz (2001), ressaltam a valorização da memória, dos feitos e histórias dos idosos, vendo que esse reconhecimento da sociedade é uma contribuição para as gerações futuras e um direito inalienável do ser humano e, assim, destacam três sistemas de armazenamento da memória, sendo: o armazenamento sensorial memória de curto termo (MCT) e memória de longo termo (MLT), os quais são comparados pelos autores com a memória de um computador. Assim, a memória sensorial apresenta capacidade limitada de armazenamento, em um breve período de tempo. Já a MCT processa uma maior quantidade de informações em um período mais longo. Por último, a MLT mostra-se com uma capacidade superior de armazenamento e, conseqüentemente, mais eficiente em organizar toda a informação guardada.

Para a questão 9, os entrevistados avaliaram a capacidade do idoso em relacionar o conteúdo teórico-prático, em sala de aula, a maioria dos entrevistados considerou que o idoso consegue correlacionar a aprendizagem teórica e prática. E os que discordaram desta afirmação ficaram em dúvida sobre a pergunta.

Sendo a média 7,6 para a questão referente à avaliação da disposição física (cansaço, mobilidade, rapidez) e mental (execução de atividades, rapidez na resolução de exercícios, interpretação das atividades) pelo idoso.

Para Kachar (2001b), Stano e Trindade (2001), Gonçalves (2003), Sareta (2007), o aprendizado é um processo interminável, quando existe a vontade de aprender, a capacidade pode ser tão elevada aos 80 quanto aos 15 anos seguindo uma velhice saudável, pode viver muito bem e acompanhar as mudanças sociais, entretanto, para se trabalhar com esta população, é necessário disposição para ouvir sem preconceitos, acreditando na possível transformação. Nesta faixa etária, a educação toma um aspecto de maior abrangência, pois o idoso já traz em si um acúmulo de experiências. O que agora ele espera é entender, participar, interagir e usufruir de tudo o que a sociedade oferece, e aí então está o papel da educação, comprometer-se com esse novo ator.

3.3. Fatores motores

Segue o Quadro 3, contendo respectivamente as médias e desvio padrão das questões 10 e 11 para os fatores motores.

Quadro 3: Média e desvio padrão das notas dos entrevistados para questões dos fatores motores. De 0 a 3 resposta não, de 3 a 7 resposta talvez, de 7 a 10 resposta sim

Questões	10	11
Média e D.P.	7,6 ±1,63	7,4±1,32
Resposta	Sim	Sim

Fonte: Dados da pesquisa.

A média de resposta sim para questão 10 foi de 7,6 e desvio padrão de 1,63.

Mesmo havendo modificações físicas específicas para a terceira idade na pergunta 10, os entrevistados opinaram que o idoso consegue desempenhar as atividades acadêmicas sem maiores problemas de condicionamento físico. Entretanto, a minoria dos entrevistados que discordou, afirmou que com a idade avançada aumenta a dependência e a incapacidade do idoso de realizar o que deseja.

Desde a concepção até a maturidade ocorre o desenvolvimento do organismo, do cérebro, dos sentidos e do comportamento. Os traços, físicos ou mentais, não surgem repentinamente sem a existência de estrutura anatômica e funcional. Com o passar dos anos, conforme explica Cancela (2007), as características do envelhecimento vão aparecendo gradualmente acompanhando o aumento da idade e incluem-se nelas, a diminuição da audição e acuidade visual, com limitação e discriminação de ruídos e limitada adaptação ao escuro, a fala poderá tornar-se restrita e incompreensível, o aprendizado e a memória de curto prazo ficarão prejudicados, os limiares de dor aumentam e a sensibilidade a esta dor diminui, o sistema cardiovascular diminui quanto à eficiência de força e resistência comprometendo a irrigação tecidual. Além destas situações, ocorrerá menor mobilidade torácica com diminuição da capacidade respiratória, a força e resistência muscular vão estar deficitárias ocasionando a desaceleração e coordenação dos movimentos e conseqüente dificuldade para manter o equilíbrio. Essas manifestações, juntas ou isoladamente, irão interferir diretamente nas habilidades cognitivas e, principalmente, nas habilidades motoras.

A resposta dos entrevistados para a questão 11 obteve média de 7,4 e resposta sim confirmado que os idosos possuem capacidade de aprendizagem, utilizando os sentidos da audição e visão, sendo o desvio padrão foi de 1,32 e resposta sim conforme verificado em Tabela 3.

Na terceira idade ocorre um declínio que impulsiona o idoso a buscar novas alternativas para a solução dos problemas como tratamento médico e medidas que apaziguem seu estado.

Para Mansur e Viude (2005), Broman *et al.* (2002), Davini e Nunes (2003), Sanches e Suzuki (2003), Chia *et al.* (2004),

Mazo, Lopes e Beneditte (2004), Cancela (2007), Brink e Stones (2007) e Tournier et al. (2008), o declínio auditivo é considerado uma condição incapacitante, que limita ou impede o indivíduo de desempenhar um papel social, de forma plena e integrada, e a audição é apontada como o primeiro dos sentidos a apresentar perdas funcionais detectáveis de maneira objetiva, sendo que, em média, é por volta dos trinta anos que se inicia o processo de envelhecimento auditivo. Acredita-se que o envelhecimento seja responsável por perda da quantidade de moto neurônios, assim, indivíduos idosos apresentariam menores quantidades de unidades motoras.

4 Conclusão

O trabalho atingiu seu objetivo identificando os fatores referentes às manifestações de aprendizagem do aluno universitário na terceira idade, utilizando como parâmetro a percepção dos entrevistados a respeito do idoso.

Os dados coletados por intermédio da pesquisa para as questões obtiveram respostas sim para a maioria das questões, a respeito do idoso em relação a sua fala expressa pela exteriorização do pensamento; linguagem-comunicação verbal, dos sentimentos, estímulos e gestos, experiência de vida associados a processos internos e ao meio acadêmico houve, porém, entre as questões três respostas de talvez (5, 6,7) sobre as opiniões referentes à oportunidade de trabalho depois de formado, utilização da informática, desempenho em comparação a alunos mais jovens. O interessante foi a observação dos entrevistados mais jovens, que consideram o idoso capaz de aprender novos conteúdos e memorizar os mesmos, quando esta memória não relaciona como um comparativo entre estes alunos e o idoso em relação às notas de avaliação, porque neste processo a opinião se modifica e os acadêmicos alegam que o idoso possui dificuldades de memorizar os conteúdos solicitando que as informações sejam repetidas no decorrer do desenvolvimento da aprendizagem.

Referências

- ADAMS, P. *O amor é contagioso*. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.
- ATKINSON, R.C.; SHIFFRIN, R.M. "Human memory: a proposed system and its control processes". The psychology of learning and motivation: advances in research and theory. Nova York: Nova York, Academic Press, 1968.
- BALLONE, G.J. Alterações emocionais no envelhecimento. *Psiquweb*, Psiquiatria Geral. 2002. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=116>
- BERZINS, M.A.V.S. Envelhecimento populacional: uma conquista para ser celebrada. *Serv. Soc. Soc.*, v.24, n.75, 2003.
- BISHOP-CLARK, C.; LYNCH, J. Faculty attitudes toward the mixed-age college classroom. *Educ. Gerontol.*, n.21, p.749-761, 1995.
- BIZELLI, M.H.S.S.; et al. Informática para a terceira idades- Característica para um curso bem-sucedido. *Rev. Ciênc. Extensão*, v.5, n.2, p.4-14, 2009.
- BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Estatuto do idoso. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em: 22 jan. 2016.
- BRINK, P.; STONES, M. Examination of the relationship among hearing impairment, linguistic communication, mood, and social engagement of residents in complex continuing-care facilities. *Gerontologist*, v.47, n.5, p.633-641, 2007.
- BROMAN, A.T. et al. The impact of visual impairment and eye disease on vision-related quality of life in a Mexican-American population: Proyecto VER. *Invest. Ophthalmol. Vis. Sci.*, v.43, n.11, p.3393-3398, 2002.
- BULLA, L.C.; KAEFER, C.O. Trabalho e aposentadoria. Repercussões na vida do idoso aposentado. *Rev. Virtual Textos Contextos*, v.2, p.1-8, 2003.
- CACHIONI, M.; AGUILAR, L.E.A convivência com pessoas idosas em instituições de ensino superior: a percepção de alunos da graduação e funcionários. *Rev. Kairós*, v.11, n.1, p.79-104, 2008.
- CAMPOS, D.M.S. *Psicologia da aprendizagem*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- CANCELA, D.M.G. O processo de envelhecimento. Porto: Universidade Lusíada do Porto, 2007.
- CHIA, E.M. et al. Impact of bilateral visual impairment on health-related quality of life: the Blue Mountains Eye Study. *Invest. Ophthalmol. Vis. Sci.*, v.45, n.1, p.71-76, 2004.
- DAVINI, R.; NUNES, C.V. Alterações no sistema neuromuscular decorrentes do envelhecimento e o papel do exercício físico na manutenção da força muscular em indivíduos idosos. *Rev. Bras. Fisioter.*, v.7, n.3, p.201-207, 2003.
- DEBERT, G.G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. *Antropologia e velhice*. Campinas: IFCH/Unicamp, 1998.
- DO CARMO, P.C.C.S. et al. Idoso Universitário: uma inclusão possível numa sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: UNATI-UNIABEU, 2009.
- ERBOLATO, R.M.P.L. Universidade Católica de Campinas. Relações sociais na velhice. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro, Guanabara, Koogan, 2006.
- FRANÇA, L.H.; SOARES, N.E. *A importância das relações intergeracionais na quebra de preconceitos sobre a velhice*. Terceira idade: desafios para o terceiro milênio. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.
- GARCIA, H.D.A *Terceira idade e a internet: uma questão para o novo milênio*. 172f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.
- GONÇALVES, Z.C. O novo mundo do passa cartões e aperta botões. In: NEGREIROS, T.C.G.M. (Org.). *A nova velhice: uma visão multidisciplinar*. Rio de Janeiro: *Revinter*, 2003, p.57-72.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa nacional por amostra de domicílios (Pnad). Rio de Janeiro: IBGE, 2013.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Projeção da população do Brasil por sexo e idade – 1980-2050, revisão 2008*. 2008. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/projecao.pdf. Acesso em: 22 jan. 2016.
- KACHAR, V. *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez, 2001a.
- KACHAR, V. *A terceira idade e o computador: interação e produção num ambiente educacional interdisciplinar*. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de

São Paulo, 2001b.

KREIS, R.A. *et al.* O impacto da informática na vida do idoso, *Rev. Kairós*, v.10, n.2, p.153-168, 2007.

MANSUR, L.L.; VIÚDE, A. Aspectos fonoaudiólogos do envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, M. *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu, 2005, p.284-296.

MAZO, G.Z.; LOPES M.A.; BENEDETTI, T.R.B. *Atividade física e o idoso: concepção gerontologia*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MOREIRA, M.S. *Trabalho, qualidade de vida e envelhecimento*. São Paulo: Focruz, 2000.

MOREIRA, C.A. *Atividade física na maturidade: avaliação e prescrição de exercícios*. Rio de Janeiro: Shape, 2001.

NERI, A.L. *Desenvolvimento e envelhecimento*. Campinas: Papirus, 2001.

NUNES, S.S. *A acessibilidade na Internet no contexto da sociedade da informação*. Dissertação (Mestrado em Gestão de Informação) - Universidade do Porto, Porto, 2002.

PARRA, C.R. *Contribuições da Psicologia para a compreensão da relação professor x aluno no ensino superior*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2008.

PAZ, S. O trabalho (des)humano e suas consequências na aposentadoria e na velhice. In: GOLDMAN, S.N., PAZ, S.F. (Org.). *Cabelos de néon*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001. p.32-47.

RABELO, D.F. *Comprometimento cognitivo leve em idosos: avaliação, fatores associados e possibilidades de intervenção*. *Rev. Kairós Gerontol.*, v.12, n.2, p.65-79, 2009.

RUBINSTEIN, S.L. *Princípios de psicologia geral*. Lisboa: Editorial Estampa, 1972.

SANCHES, E.P.; SUZUKI, H.S. *Fonoaudiologia em gerontologia*. São José dos Campos: Pulso, 2003.

SARRETA, E.M I. *O idoso na sala de aula: um novo ator*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2007.

SELLTIZ, C., WRIGHTSMAN, L. S., COOK, S. W. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: EPU, 1987.

STANO, R.C.; TRINDADE, M. Espaço escolar: um tempo de ser na velhice. In: KACHAR, V. *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez, 2001, p.155-168.

STELMACHUK, M.S.L. *Sentidos do trabalho para idosos em exercício profissional remunerado*. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

TOURNIER, M. *et al.* Depression and mortality in the visually-impaired, community-dwelling, elderly population of Quebec. *Acta Ophthalmol.*, v.86, n.2, p.196-201, 2008.

VANZELLA, E.; NETO, E.A.L.; SILVA, C.C.A. A terceira idade e o mercado de trabalho. *Rev. Bras. Ciênc. Saúde*, v.14, n.4, p.97-100, 2011.

WAJNMAN S.O. *Os idosos no mercado de trabalho: tendências e consequências*. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.